



o DOM DA INFLUÊNCIA

CRIE UM IMPACTO TRANSFORMADOR
E DURADOURO EM TODAS
AS SUAS INTERAÇÕES

TOMMY SPAULDING

EDITORA

ALAUDE

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CINQUENTA CARTAS	XIII
80 Mil	XIX

PARTE I

INFLUENCIADORES LIDERAM 1

Levantar: 36 Folhas de Papel	3
Envolver: O Capitão	9
Agir: O Líder de Gangue	15
Dedicar-se: O Que Tem na Sua Mala?	25

PARTE II

O PRIMEIRO I DA INFLUÊNCIA: INTERESSE. 31

Sanduíche de US\$500 Mil	33
Todos Têm uma História	37
Transforme Negociações em Interações	47
Normalize a Gentileza	55

PARTE III	
O SEGUNDO I DA INFLUÊNCIA: INVESTIMENTO	65
Qual o Meu Legado?	67
Cumpra com a Sua Palavra	71
Inicie uma Sequência de Influência	87
Seja um Investidor-Anjo	93
PARTE IV	
O TERCEIRO I DA INFLUÊNCIA: INTENÇÃO	103
Faca de Dois Gumes	105
Influenciadores Comem por Último	115
Você Monopoliza o Ventilador?	125
Peça Ajuda	141
PARTE V	
O CICLO DA INFLUÊNCIA	149
Águias e Gaivotas	151
O Último I da Influência	157
Multiplique Sua Influência por 10	165
EPÍLOGO	
TRÊS PERGUNTAS	173
Agradecimentos	179
SOBRE O AUTOR	181

PARTE I

INFLUENCIADORES
LIDERAM

AMOSTRA

LEVANTAR: 36 FOLHAS DE PAPEL

Você já ouviu uma história inesquecível — uma na qual não conseguiu parar de pensar por dias, ou até anos? Histórias desse tipo não são apenas comoventes, elas nos fazem, fundamentalmente, repensar nossas presunções. Elas mudam a forma como enxergamos e tratamos as pessoas. Elas mudam a forma como vivemos e lideramos.

Estou prestes a te contar uma dessas histórias. Quando a ouvi pela primeira vez, tudo pareceu parar, como se o próprio tempo desacelerasse sua marcha incansável para garantir que eu ouvisse sobre uma professora de ensino fundamental chamada Sra. Lynn. Com um simples exercício durante uma aula, em um claro dia de primavera, ela ensinou a uma turma cheia de alunos do oitavo ano que não importava o quão sozinhos eles pudessem se sentir, ou o quão sombria e fria a vida pudesse ser, eles eram amados.

Isso não é um filme de Hollywood sobre a Sra. Lynn. Eu garanto que você nunca ouviu nada sobre ela. Porém, a história da Sra. Lynn mexeu comigo mais do que qualquer filme ou livro jamais conseguiu, porque ela ilustra lindamente o simples e incrível poder de levantar as outras pessoas. Isso, em essência, é o que significa a influência. Não é dizer para as pessoas como elas são incríveis, é *mostrar* como são incríveis. Exaltar os outros significa identificar momentos — não importa o quão insignificantes eles pareçam ser — de mostrar que eles importam.

Após ler sobre Sra. Lynn, eu o desafio a desacelerar. Desacelere à medida que vive seu dia a dia. Desacelere enquanto interage com seus colegas de trabalho, desacelere quando for jantar com sua família, desacelere quando for pedir comida em um restaurante. Desacelere, esteja ciente das pessoas ao seu redor e pergunte a si mesmo: Como eu posso exaltá-las, mesmo que só um pouco?

Em uma sexta-feira quente e ensolarada, em março de 1962, uma professora de 30 anos de idade, chamada Sra. Lynn, caminhou para sua aula de matemática no oitavo ano. Era o último tempo do dia, antes das férias de primavera começarem oficialmente, e a Sra. Lynn tirou um momento para sentir a energia da sala.

Agora, imagine-se de volta ao oitavo ano. Sua mente não está muito focada em geometria, para início de conversa. Porém, às 3 horas da primeira e linda tarde de primavera, após um longo e frio inverno? A apenas 50 minutos do início de uma longa semana de férias? Esqueça.

A Sra. Lynn observou dois garotos em uma competição de lutinha e três garotas trocando bilhetinhos na terceira fileira. No canto, havia uma garota esfregando os olhos avermelhados e inchados. O nome dela era Betty e a Sra. Lynn sabia que os pais dela estavam no meio de um processo de divórcio. O restante da classe olhava ansiosamente pela janela, esperando para aproveitar um breve lampejo da primavera. Ela olhou para seu plano de aula: o teorema de Pitágoras. De forma alguma a turma absorveria $A^2+B^2=C^2$ e o porquê de ser importante calcular a hipotenusa de um triângulo retângulo. A maioria dos professores seguiria com a lição de qualquer forma. Porém, a Sra. Lynn não era como a maioria dos professores.

Após acalmar os lutadores e dizer para as garotas guardarem seus bilhetinhos, ela tirou uma página do seu fichário de três argolas e a levantou para a turma.

— Vocês veem essa folha de papel? Esse é o meu plano de aula para hoje.

Trinta e seis pares de olhos encararam a folha inexpressivos e depois se voltaram para a janela. Com um leve sorriso, a Sra. Lynn o rasgou e jogou

os pedaços no lixo. A classe explodiu em aplausos. Até mesmo Betty, ainda lutando contra as lágrimas, tinha um pequeno sorriso no rosto.

— Vamos fazer o seguinte hoje — disse a Sra. Lynn — Todos peguem uma folha de papel e um lápis. — Ela tinha prendido a atenção deles agora. Os lutadores, as passadoras de bilhetes, Betty, todos vasculharam suas carteiras. No meio tempo, ela escreveu o primeiro nome de cada aluno no quadro. — No lado esquerdo da sua folha, eu quero que você faça o que eu estou fazendo. Liste o primeiro nome de todos na sala.

Houve uma agitação de lápis escrevendo, um burburinho de animação. Algo nessa lição parecia bem diferente.

— Tudo bem — disse a Sra. Lynn, quando os lápis se aquietaram. — Agora, em frente a cada nome, eu quero que vocês escrevam uma palavra ou frase que resuma o que você ama, admira, respeita ou aprecia sobre essa pessoa. Algo positivo que você notou sobre ela. Entenderam?

As trinta e seis cabeças assentiram vigorosamente e, outra vez, houve uma agitação de lápis. Os lutadores encararam a folha, ocasionalmente levantando as cabeças para examinar a próxima pessoa na lista. As passadoras de bilhete escreviam mais rápido do que seus cérebros poderiam pensar, pausando frequentemente para limpar o pó de borracha do papel. Até os olhos de Betty pareciam menos vermelhos enquanto ela considerava cada um dos nomes e escrevia o que admirava sobre eles com sua caligrafia cheia de voltas. Pela primeira vez na história das aulas de matemática do quinto horário da Sra. Lynn, não houve um único pio por 50 minutos. Quando o sinal tocou, os alunos se apressaram para terminar suas listas e a Sra. Lynn os dispensou, livres para aproveitar as férias de primavera.

Durante suas férias, a Sra. Lynn fez o seguinte: Ela pegou trinta e seis folhas em branco e, no topo de cada uma, escreveu o nome de um aluno da sua turma do oitavo ano. Em seguida, ela adicionou o elogio que foi escrito sobre eles. São 1.260 mensagens separadas para organizar e registrar. Tomou toda a sua semana.

Na segunda-feira após as férias de primavera seus alunos retornaram, mais bronzeados, com arranhões e hematomas recentes da semana de aventuras. Quando a aula começou, ela entregou a cada

aluno sua lista. Ela observou seus rostos enquanto eles liam o que seus colegas tinham escrito. Alguns deram risadas. Outros coraram. Houve algumas lágrimas, até entre os meninos. Mas estavam todos radiantes.

E assim o exercício havia terminado. A Sra. Lynn retornou para sua lição sobre calcular a hipotenusa de um triângulo retângulo. Os alunos guardaram seus papéis, preparados com tanto cuidado pela professora de matemática, dentro de suas mochilas. Seus olhos vagaram de volta para a janela e eles pensaram sobre paixões, amigos, esportes, férias de verão e tudo o mais que tem na mente típica de uma criança do oitavo ano. Pouco tempo depois chegou o fim do ano escolar e os alunos da Sra. Lynn seguiram para o ensino médio.

Alguns anos se passaram. Era agora o final dos anos 1960 na América, com a Guerra do Vietnã a todo vapor. Em 1968 mais de meio milhão de americanos estavam lutando nas florestas contra um novo tipo de inimigo, que usava táticas de guerrilha e armadilhas explosivas. Soldados se arrastavam por rios e pântanos e todo o tipo de inferno, sem saber quando viria o próximo ataque, quem seria o próximo alvo de um atirador, quem seria o próximo a tropeçar em uma mina.

Um dia, a Sra. Lynn estava corrigindo provas em seu sofá, quando o telefone tocou. A mulher do outro lado da linha mal conseguia se manter calma. Ela explicou que seu filho, Mark, fora morto durante a batalha de Khe Sanh, enquanto defendia uma base militar dos ataques do exército do Vietnã do Norte. Ela e o marido ficariam honrados se ela pudesse comparecer ao funeral. A Sra. Lynn buscou na memória e finalmente se lembrou de Mark: ele era um dos lutadores de sua antiga turma no quinto horário. Ela se sentou no sofá, em choque. Parecia ontem que Mark estava brincando em sua carteira, um brilho em seus olhos, um tênue sinal do futuro bigode sobre seus lábios, o resto de sua vida diante de si. E ele partira.

A Sra. Lynn foi ao funeral e ficou um bom tempo do lado de fora da igreja, olhando as fotos de Mark em exposição. Havia uma foto dele vestindo o uniforme. Ele parecia elegante, bem maior do que o menino de quem ela se lembrava, mas o mesmo sorriso estava lá. Após o sermão, os pais de Mark convidaram a Sra. Lynn até sua casa, onde fariam uma pequena celebração à vida dele. Assim que chegou, ela reconheceu outros membros da turma: lá estavam o outro lutador, as

passadoras de bilhetes e até mesmo Betty, que superou o divórcio dos pais e se tornou uma mulher forte. A Sra. Lynn ficou parada desconfortavelmente em um canto. A maioria dessas pessoas conhecia Mark intimamente por anos; eles contavam histórias atrás de histórias sobre sua bondade, inteligência e bravura. Ela se sentiu envergonhada. Mal o conhecia, que tipo de influência ela poderia ter tido?

Então, o pai de Mark se aproximou dela.

— Venha comigo. Eu gostaria de te mostrar uma coisa. — Ele a guiou para fora da sala de estar, pelo corredor, para dentro de um quarto adornado com posters de bandas de rock e lendas dos esportes. Era o quarto de Mark. Na pequena escrivaninha havia alguns livros, fotos antigas e troféus da Little League. A cama de solteiro no canto ainda estava coberta com um lençol do Nebraska Cornhuskers, cuidadosamente arrumado. Mas havia uma coisa no meio da cama que não pertencia a uma criança. Um capacete verde camuflado de infantaria. Um frio instrumento de guerra cercado por todas as memórias de uma infância inocente.

O pai de Mark pegou o capacete e o virou. De trás de uma das alças, ele tirou um pedaço de papel amarelado, manchado de suor, preso com uma fita, que parecia ter sido dobrado milhares de vezes.

— Aqui — disse ele, entregando-a o papel. — Encontramos isso no capacete dele. Estava com ele quando foi morto. Abra.

Com as mãos tremendo, ela desdobrou cuidadosamente o frágil papel. Apesar dos anos que se passaram, ela soube instantaneamente do que se tratava. No topo da página, ela reconheceu um nome escrito com sua própria caligrafia: “Mark”. Abaixo estava uma lista de 35 palavras e frases: “Engraçado”, “Tem olhos gentis”, “Sempre diz oi para mim”, “Um bom garoto”, “O melhor quarterback”. E a lista seguia. A Sra. Lynn leu uma, duas, três vezes. Por fim, ela levantou os olhos lacrimejantes.

Um jovem rapaz alto entrou no quarto. Era o melhor amigo de Mark — o outro lutador.

— Eu também guardo a minha lista — disse ele. — Está na primeira gaveta da minha escrivaninha, em casa.

Uma jovem mulher entrou no quarto, uma das passadoras de bilhete.

— A minha está no meu álbum de casamento agora — disse ela chorando.

Então Betty se aproximou, buscou em sua bolsa e tirou um pedaço de papel desgastado.

— Sra. Lynn, houve vezes em que eu lia esse papel toda noite antes de dormir. Obrigada.

A Sra. Lynn ficou parada ao lado da cama de Mark e olhou para os rostos das pessoas amontoadas ao redor dela: a mãe e o pai de Mark, Betty, os outros dois alunos da aula de matemática. Com um gesto amável em uma sexta-feira preguiçosa antes das férias de primavera, ela havia mudado fundamentalmente 36 vidas.

A Sra. Lynn se sentou na cama e, de repente, percebeu que ela era mais do que uma professora de matemática do oitavo ano. Pela primeira vez desde que recebera a terrível ligação da mãe de Mark, ela apoiou a cabeça nas mãos e chorou.

AMOSTRA

ENVOLVER: O CAPITÃO

Como qualquer pai, eu adoro meus filhos. Tenho que me segurar ou vou contar vantagens sobre eles sem parar. Isso é verdade, em especial quando se trata do meu filho Tate, que é um dos melhores jogadores de hóquei da sua faixa etária no país. Uma das maiores alegrias da minha vida tem sido assistir Tate tão pura e perfeitamente confortável patinando no gelo.

Durante a maior parte da sua infância, eu pensei que o que fazia Tate ser especial era sua habilidade de patinar mais rápido que outros jogadores com o dobro do seu tamanho e fazer tacadas impossíveis parecerem fáceis. Aprendi o quão errado estava pouco tempo depois que ele completou 9 anos, quando um garoto chamado Tristan se juntou à equipe de treino do time de hóquei competitivo que ele fazia parte. Enquanto os outros jogadores viram instantaneamente um alvo, o reflexo de Tate foi abraçar Tristan e mostrar a todos ao redor dele do que se trata a liderança.

Tate demonstrou, para mim, a simples coragem de abraçar as pessoas por quem elas são. Isso não parece um conceito complexo, mas poucos de nós são bons nisso. Quando vemos alguém sofrendo, em especial estranhos, nosso instinto é olhar para o outro lado em vez de procurar ajudar. Envolver também significa ver e dar valor a alguém para além do que ele pode nos proporcionar. Em uma era em que cortamos pessoas das nossas vidas por conta de sua aparência, de qual igreja frequentam ou não, do que postam nas redes sociais, ou de quem

eles votaram, a habilidade de envolver, verdadeiramente, o próximo sem questionar, é muito rara.

Enquanto lê essa história, eu o desafio a pensar sobre as pessoas na sua vida que você instintivamente empurra para longe. As pessoas que são difíceis de amar. As que você descarta por serem diferentes. E se pudéssemos simplesmente amar e envolvê-las, mesmo que não concordemos em tudo? Há tanto que podemos aprender de influenciadores como Tate. É preciso apenas abrir nossos corações.

Tate nasceu com um taco de hóquei nas mãos. É a sua paixão —, ou melhor, sua obsessão. Aos 9 anos de idade, ele se levantava às 5 horas da manhã para treinar hóquei antes da escola. Jill e eu contamos aos nossos amigos que Tate patina melhor do que ele anda. E isso é só metade piada. Quando ele era mais novo, em vez de nos pedir para ler livros ilustrados na hora de dormir, Tate insistia que recitássemos todos os recordes da carreira de Wayne Gretzky na NHL.

— Agora eu sei todos os recordes que vou quebrar — dizia ele, após terminarmos. Então, sim, “obsessão” é a palavra certa para usar quando se trata do amor de Tate pelo hóquei.

Anos atrás, logo após Tate completar 9 anos, eu o levava de carro até a pista de hóquei, em um horário cedo demais, quando ele me perguntou:

— Papai, o que é preciso para se tornar um capitão?

No meu estado meio sonolento, eu respondi:

— Para ser capitão, Tate, você não precisa ser o melhor jogador. Você precisa ser a melhor pessoa. O capitão tem o maior coração do time, porém, mais importante, a maior influência sobre seus colegas de time. Ser um capitão significa envolver os colegas mais fracos e ajudá-los a se tornarem os mais fortes.

Tate ficou em silêncio enquanto absorvia tudo aquilo. Por fim, ele disse:

— Bem, eu quero ser capitão um dia. — Foi um tom quieto e desafiador, do tipo que você raramente escuta de alguém tão jovem.

Tate não jogava em uma simples liga da cidade ou do condado. Ele jogava para um clube de elite no Colorado, chamado Krivo School of Hockey. Krivo deriva de Andrei Krivokrasov, um antigo campeão Red Army da Rússia, que comanda o programa. Seu irmão, Sergei, jogou dez temporadas no NHL. É certo dizer que Sergei sabe bastante sobre hóquei e seu programa é tão tradicional quanto possível. Disciplina. Prática. E mais disciplina. Tate, que tem jogado em um nível de elite desde que começou a caminhar, floresce em um ambiente como esse.

A maioria das crianças na Krivo School of Hockey era tão talentosa quanto Tate, porém, um garoto chamado Tristan apareceu. Vamos dizer que ele não era o jogador mais talentoso da equipe, e todos sabiam disso. Tristan não era tão bom para entrar para o time que competia fora, então ele jogava na equipe de treinamento como goleiro. Muitas crianças zombavam de Tristan sem piedade e deixavam claro que ele não era parte da tribo.

Exceto uma.

Tate sabia que Tristan não era muito bom, mas ele não se importava. Ele via que o colega comparecia ao treinamento todos os dias e pegava no batente. Ele fazia suas rotinas contra os maiores talentos do Colorado, e isso com um russo durão desafiando-o e fazendo-o passar dos seus limites. Tristan tinha seu ego esmigalhado diariamente e ainda aparecia na manhã seguinte. Os outros jogadores viam uma criança que, provavelmente, deveria se juntar ao time de xadrez. Tate viu alguém que ele admirava.

Os dois se tornaram amigos. Tate nunca parou de encorajá-lo, sempre oferecia um “toca aí” depois de salvar uma defesa, sentava-se ao lado dele no vestiário e passava tempo com ele depois do treino. E mais importante, Tate tirou um tempo para aprender sua história. Acontece que Tristan tinha sorte de estar vivo, quanto mais de jogar hóquei.

Quando Tristan tinha 3 anos, ele teve uma grande convulsão epiléptica — é quando você perde a consciência e tem contrações musculares violentas. Os médicos pensaram que ocorreria apenas uma vez, porém, 2 meses depois, Tristan sofreu outra convulsão, seguida de mais outra. Foi prescrita uma bateria de medicamentos, mas as convulsões continuaram — literalmente milhares por dia. Aos 4 anos

de idade, Tristan foi colocado em coma induzido para dar ao seu corpo fragilizado um tempo para se recuperar do trauma sem fim. No hospital, a mãe de Tristan, Debra não podia falar ou cantar para ele, não podia tocá-lo, nem acariciá-lo, por medo de causar uma nova crise. Ele passou meses em tratamento — meses nos quais ele poderia estar na escola, fazendo novos amigos, praticando esportes, apenas sendo uma criança normal. Finalmente, ele foi diagnosticado com Síndrome de Doose, um distúrbio raro que acomete apenas 1% das epilepsias iniciadas na infância. Quando Tristan acordou, milagrosamente, do coma, as convulsões desapareceram de vez, mas ele tinha perdido todo o uso de seus músculos. Ele teve que reaprender a mover os membros, a caminhar, até mesmo a comer.

Quando Tristan entrou na pista de gelo da Krivo School pela primeira vez, ele estava, fisicamente, anos atrás de seus colegas. Ele tinha sorte de estar patinando, quanto mais defender tacadas de garotos com o dobro do seu tamanho. Os outros jogadores não viam dessa forma. Eles riam dele, derrubavam-no, chamavam-no por apelidos maldosos. Porém, quanto mais maldosos eles eram, mais amável Tate se tornava.

Ao final da temporada, Debra me ligou e pediu:

— Você poderia me informar todas as tardes de sábados que seu filho tem disponíveis esse mês?

— Claro... Por quê? — perguntei, um pouco confuso.

— Estamos planejando a festa de aniversário do Tristan e ele quer se certificar de que o Tate poderá comparecer.

Eu estava espantado — quem prepara uma festa de aniversário com base na agenda de uma criança?

Na semana após a festa, Debra se aproximou de mim no treino de hóquei. Ela tinha lágrimas nos olhos.

— Eu gostaria que você soubesse que nós convidamos algumas crianças do time de hóquei, mas Tate foi o único que compareceu. Você não tem ideia do impacto que seu filho tem no Tristan. Tate está sempre o animando. Que criança especial você tem.

Algumas semanas depois, eu busquei Tate no treino. Ele tinha um grande sorriso no rosto.

— Papai, adivinha — disse ele. — O treinador Krivo me nomeou o capitão do time!

Eu olhei para ele. Em todos os anos em que Andrei treinou o time que competia fora, ele nunca tinha nomeado um capitão. Até aquele momento.

Eu comecei a chorar. Disse a Tate que em seus 9 anos, eu não poderia estar mais orgulhoso dele.

— Você se lembra de quando me perguntou o que era preciso para ser um capitão? — questionei. — Não é sobre ser o melhor jogador, é sobre ser a melhor pessoa. Você ajudou o jogador mais fraco do seu time a perceber que ele era forte. Até onde sei, Tate, você acabou de quebrar todos os recordes do Wayne Gretzky.

AMOSTRA